



CULTURA PROFISSIONAL

O ESPAÇO E O TEMPO, FATORES DA DIREÇÃO DA GUERRA

General GUDERIAN.

"Le Mond" (Traduzido para Exército pelo Tenente-Coronel JOAQUIM DE SOTTO MONTES).

Tradução e adaptação dos Majoires CESAR GOMES DAS NEVES e HERACLIDES DE ARAÚJO NELSON.



TEMPO e o espaço são fatores estratégicos tão velhos como o Universo e cuja importância remonta aos primeiros combates travados entre os primeiros representantes da raça humana.

É admissível que Clausewitz haja concedido a este problema uma atenção especial, consagrando-lhe dois capítulos do seu livro "Da Guerra"? No terceiro tomo de tal obra, dois de seus capítulos intitulam-se, respectivamente, "Concentração das forças no espaço" e "Reunião das forças no tempo". Estes estudos, repletos de tantos ensinamentos, não traçam o caminho a ser seguido, não só pelos militares, comb também pelos governantes?

A obrigação de se familiarizar com os princípios da arte da guerra não deve ser exclusiva dos militares, pois, como afirmou Clau-

sewitz "a guerra não é outra coisa do que a política realizada por outros meios". Clausewitz certamente viu que "a guerra é uma ação política e não um simples ato militar". Conseqüentemente, os políticos, que embora pretendam ser pacifistas, devem estudar as regras da arte militar e penetrar-se delas; faltando-lhes tal base, certamente fracassarão, principalmente se afastarem toda idéia de conflito por temor ao mesmo.

"Ser forte em todos os momentos e sobre tudo no lugar decisivo", segundo Clausewitz, é o melhor princípio da arte militar. À parte o esforço gerador da força, que nem sempre emana do chefe, não existe lei estratégica mais importante nem mais elementar que a da coesão de forças.

Tais frases condensam toda uma doutrina militar, que relacionada a um passado próximo e aos acon-

tecimentos atuais, nos proporcionam os seguintes ensinamentos:

1º) Depois da derrota alemã de 1945 e do desarmamento da "Wehrmacht", as potências ocidentais vitoriosas desarmaram-se, enquanto que a URSS, igualmente vitoriosa, graças ao apoio de seus aliados ocidentais, continuou armando-se. Entre estes grupos de forças criou-se um vazio político, econômico e militar, isto é, a Alemanha, ou mais exatamente a Europa Central.

2º) A atual potência oriental está formada por um imenso e compacto continente, a Ásia, e uma das maiores partes da Europa, cuja reunião total podemos denominar de Eurásia. O elemento de mais importância deste bloco é a União Soviética, em torno da qual gravita uma série de pequenos Estados satélites. Ao mesmo tempo, a União Soviética é a aliada da potência asiática de população mais densa, a China, de 350.000.000 de quilômetros quadrados de extensão, com 773.900.0000 de habitantes.

O ESPAÇO

As comunicações entre os diversos elementos do bloco oriental realizam-se por ar e por terra e, particularmente, por via férrea. Realmente, não conhecemos senão de maneira imperfeita a importância e a capacidade logística dos transportes aéreos deste bloco; entretanto, é possível supor que, presentemente, tanto os transportes terrestres como os aéreos são de rendimento inferior aos dos ocidentais.

No bloco oriental, as vias férreas estão relativamente pouco desenvolvidas e são vulneráveis; convém, entretanto, assinalar a habilidade dos russos para reparar, em tempo "record" as vias férreas danificadas.

Quanto aos transportes marítimos, embora seja, certo haver crescido a sua importância nas águas polares, estes não desempenharam, em tempo de guerra, nada mais do que um papel aparente-

mente suplementar no transporte de tropas e abastecimentos.

Em resumo: o defeituoso sistema de transportes constitui, para o bloco oriental, uma importante servidão.

Por outro lado, uma riqueza numérica de homens lhe permite — em função da importância dos armamentos — a concentração de suficientes forças, sejam ofensivas ou defensivas, sobre todos os centros e pontos escolhidos como lugares de atrito.

Enquanto a rede de transportes estiver intacta, os meios de locomoção disponíveis permitirão adequados movimentos de tropas.

Por outro lado, a existência de uma "cortina de ferro" permite manter em segredo todas as medidas militares adotadas, ficando, deste modo, as potências ocidentais diante de uma sucessão de surpresas, por parte do bloco oriental. Pois bem, não é a surpresa a primeira condição de êxito? A iniciativa política, portanto, pertence ao bloco oriental, que a aproveita atualmente.

3º) As potências ocidentais têm os Estados Unidos como nação "leader"; isto é, a potência principal do continente americano protege tanto o Leste como Oeste de qualquer invasão terrestre direta. Tal circunstância apresenta inestimável vantagem dada a situação geográfica da América do Norte.

A segunda grande potência ocidental é a Comunidade das Nações Britânicas, que compreende a Inglaterra, Canadá, Índia, Ceilão e Malásia — estes três últimos países situados geograficamente na região meridional do continente asiático — África Oriental, Austrália e um certo número de pontos, entre os quais figura, com mais destaque, o importante ponto de apoio de Hong-Kong.

A terceira potência ocidental é a França, apoiada, fora de sua metrópole, sobre o seu império colonial africano, sobre a ilha de Madagascar, sobre a Indochina — território limítrofe com o sul da República comunista da China —

e sobre algumas outras colônias de menor importância.

Ao redor destas três potências, aglomera-se uma série de estados, com um total de 35.000.000 de quilômetros quadrados de extensão e com uma população de 750.000.000 de habitantes.

Entre as potências ocidentais, os transportes são feitos principalmente por via aérea e por mar.

Embora seja certo que o fator tempo não deve ser levado em conta, nos transportes aéreos, o mesmo não acontece com os transportes marítimos, devido às grandes distâncias a serem cobertas. Portanto, o fator tempo, na segunda modalidade de transportes, transforma-se num problema crucial.

A inferioridade do bloco ocidental em material humano e em armamento, em relação ao oriental, torna indispensável, para estabelecer um certo equilíbrio, uma organização de transportes rápidos e uma preparação muitíssimo eficiente. Em tal caso, os princípios de Clausewitz, "ser forte no momento decisivo" e "Coesão de força" poderão ter todo o seu valor realçado.

4°) Entre os blocos citados, encontram-se outros países europeus — os neutros —, cujo potencial bélico constitui uma incógnita: Suíça, Suécia, Espanha e Jugoslávia; isto sem esquecer a Alemanha e Áustria. Ao total 1,7 milhões de quilômetros quadrados ocupados por 124 milhões de habitantes.

5°) Os ensinamentos obtidos na Coreia demonstram que as potências ativas da O.N.U. — isto é, as potências ocidentais —, apesar de haverem se oposto rapidamente, com uma ação militar, às intenções norte-coreanas, mostraram-se incapazes de impedir o desencadeamento desta dura prova, devido à distância em que se encontrava o teatro de operações de suas bases de aprovisionamento e mais a falta de preparação das forças combatentes e a lentidão dos transportes por mar.

As potências ocidentais terão de reconhecer que agiram contrariamente ao princípio de Clausewitz: "ser forte em todo o momento e sobre tudo no decisivo". Apenas respeitaram o princípio de "coesão de forças".

O LUGAR DECISIVO

6°) Para nós, europeus ocidentais (do Oeste), o que importa é o fato de que as forças militares empenhadas no Extremo Oriente dificilmente poderão ser retiradas, sem risco de uma derrota ou de perda de prestígio.

Assim, pois, sobre "o lugar decisivo", na luta disputada entre os blocos antagonísticos, cabe perguntar: será a Coreia o lugar escolhido? É o Extremo Oriente a região escolhida por ambos os blocos para cruzar suas armas? O General norte-americano Omar Bradley, Chefe da Junta de Chefes de Estado-Maior, considerou os Estados Unidos, e depois a Europa, como regiões decisivas para a América do Norte. Pergunta-se: tal opinião terá o mesmo valor para os outros membros do Pacto do Atlântico?

Definir uma região decisiva não consiste, somente, em relacioná-la com o conceito militar; outros fatores — políticos e econômicos — também pesam na balança. É então quando o soldado entra em cena e a ele cabe informar aos Chefes de Estado quanto às possibilidades de resolver o problema planejado com a aplicação de medidas militares. Se os governantes têm confiança nos conhecimentos políticos, estratégicos e econômicos de seus conselheiros militares, seguirão, por certo, seus conselhos; caso contrário, ao governante cabe a responsabilidade das consequências de suas decisões.

A COESÃO DAS FORÇAS

7°) Chegando-se a um acordo sobre o lugar decisivo, ato contínuo deverá ser observado o princípio elementar da "coesão das forças".

Na guerra, os êxitos constituem o coroamento de medidas simples,

que são precisamente as mais difíceis de pôr em prática. A simplicidade deve ser levada em conta antes do desencadeamento do conflito, durante a sua preparação e no decorrer dos esforços para salvaguardar a paz; os atuais exemplos da Indochina, Malásia e Coreia demonstram o valor desses princípios.

Sendo a Europa o berço da raça branca, conseqüentemente o espaço decisivo para as potências ocidentais e não o Extremo Oriente, origem da raça amarela, não está em contradição com o princípio de coesão de forças empregar contingentes importantes de tropas no teatro de operações asiático?

A guerra da Coreia, atualmente, imobiliza importantes contingentes de tropas das Nações Unidas, em particular norte-americanas; na Indochina, a França viu-se obrigada a empregar 160.000 homens, saídos de suas forças ativas, assim como uma grande parte de sua aviação. A rebelião permanente da Malásia exige a mobilização de uns 140.000 homens do Exército britânico.

Outro importante contingente inglês, por certo não desprezível, acha-se guarnecendo o ponto de apoio de Hong-Kong. Pois bem, cada uma das três potências — Estados Unidos, França e Inglaterra — acham-se intimamente persuadidas de que tal repartição de forças tem sido realizada atendendo à mais pura ortodoxia militar e ditada por imperiosas necessidades políticas.

Os pontos de vista do europeu ocidental médio são, sem dúvida, distintos. Disse Clausewitz — "Ainda que pareça inverossímil, ocorre com freqüência a separação e dispersão das forças sem uma verdadeira razão e sim, tão somente para satisfazer aos usos correntes ou à rotina. Se as atuais razões políticas obrigam as potências ocidentais a dispersar as suas forças, tal como agora o fazem, é necessário ver que esta linha de ação é má. É necessário, por conseguinte, que tais potências

se apressem a mudar de orientação, a fim de satisfazer o princípio "da concentração das forças". Em caso contrário, tornar-se-ão impossibilitadas de obter a concentração necessária "no espaço decisivo e no momento oportuno". Tal descuido poderá acarretar prejuízos incalculáveis, tanto no que diz respeito aos planos militares como nos políticos.

O TEMPO

"A guerra não é mais do que o choque entre duas forças entagônicas, o que supõe que o mais forte, não somente destrua o mais fraco como, também, que o absorva; daí a necessidade do emprêgo simultâneo de todas as forças previstas, a fim de ferir o adversário fulminantemente.

O PODER MARÍTIMO

Do estudo das duas últimas guerras, verifica-se a existência de duas categorias de beligerantes: as "potências continentais", de um lado, que desde o começo das hostilidades se esforçam em utilizar, ao máximo, a massa de seus efetivos. Na outra, alinham-se as "potências marítimas", que se podem dar ao luxo, e assim o fizeram, de situar, transportar e desembarcar as suas forças a seu gosto.

Durante os dois últimos conflitos, os Estados Unidos, em particular, só empenharam as suas forças quando os adversários já se haviam enfraquecido suficientemente, numa luta de vários anos, e, portanto, o último golpe lhes seria fatal.

A história das potências marítimas mostra claramente que estas sempre têm contado com o fator "tempo" a seu favor, sendo tal vantagem resultante da situação geográfica e também das grandes distâncias que as separavam de seus objetivos. De tal circunstância provém a política do "Wait and see", que permite, em caso de dúvida e no último instante, trocar o fuzil de ombro e esperar até o momento em que não haja a

menor incerteza quanto ao lado que será vitorioso. Então toma-se rapidamente a decisão final.

... E AS SERVIDORES CONTINENTAIS

Bem diferente tem sido sempre a situação das potências continentais européias. Apertadas umas contra as outras num espaço restrito e separadas por fronteiras abertas são sempre levadas a agir rapidamente, lançando nos combates a totalidade de suas forças disponíveis.

Para elas não existe o Oceano Atlântico, nem o Canal da Mancha, que permite completar os seus armamentos ou esperar, como espectadores, a evolução dos acontecimentos políticos ou militares. Daí a necessidade de manter Exércitos permanentes, os quais, em períodos confusos, pesam sobre as decisões dos Chefes de Estado.

Por tal razão, o "ponto de vista militar" desempenha, na vida nacional, um papel preponderante. Nossos ex-inimigos têm dado a este fenômeno o nome de "militarismo", assegurando que os alemães, e sobre tudo os prussianos, têm seu monopólio. Também creem, sem dúvida, poder extirpar esta tendência, difamando e arruinando os portadores do germem militarista: os soldados de profissão.

Cinco anos já decorrem desde que o militarismo alemão foi vencido e já se percebem com terror que, ao destruírem tal militarismo, puzeram abaixo, ao mesmo tempo, a muralha segura e sólida que até então detinha o perigo que ameaçava do lado Leste da Europa.

Encontraram-se bruscamente, frente a frente, com o comunismo, ao destruírem, com as suas próprias mãos, uma defesa que até então ignoravam. No presente, o fator tempo adquire bruscamente um valor desconhecido para as potências ocidentais.

Depois da 2ª Guerra Mundial, desarmaram-se moral, militar e industrialmente, tanto sob o aspecto econômico como no de matérias-primas. Entretanto, o Oriente tem trabalhado de maneira diametralmente oposta; o resultado — no que se refere ao conceito estraté-

gico de tempo — é que as potências ocidentais encontram-se atrasadas.

Pois bem, entre estas potências ocidentais existem algumas que ainda não compreenderam a importância do fator tempo na preparação de um futuro conflito. Na frente figura a França, que, com todo o empenho, está dificultando o rearmamento da Europa Ocidental; mas não são os soldados franceses, nem o povo, os responsáveis por tais erros e, sim, seus governantes. Torturados pelo temor a uma Alemanha forte e pelo comunismo de seu próprio país, os políticos franceses sofrem um complexo de inferioridade diante da superioridade econômica das potências anglo-saxônicas e também, ao mesmo tempo, ante o bolchevismo amarelo. Os homens de Estado, incapazes de fazer frente às suas responsabilidades, com suas delongas e tergiversações estão perdendo o tempo precioso de que dispõem os europeus de Oeste para fortalecer a paz. Clausewitz escreveu: "Todas as forças disponíveis previstas para uma ação estratégica deverão ser lançadas simultaneamente em tal ação".

"Quanto mais completa for a unidade de ação e o tempo, melhor será o seu emprego". Poderão os governantes franceses reconhecer, em tempo, que sua política de delongas e paliativos poderá levá-los à ruína?

UMA DOCTRINA ANTIQUADA

Para as potências marítimas, a doutrina do "Wait and see" já passou de moda. A técnica da guerra moderna não estabelece limites para os bombardeiros pesados nem para os projetos dirigidos. Para tais armas, a Inglaterra deixou de ser uma ilha e até o continente americano, hoje, não é mais inviolável.

De agora em diante, tanto as potências marítimas, como as continentais, estarão submetidas aos mesmos efeitos das armas modernas. As hostilidades começarão sem prévia declaração; acabou-se

o tempo em que, com o começo de uma batalha, iniciava-se a guerra; atualmente, numa bela noite, sem ninguém esperar nem estar prevenido, poderão irromper as hostilidades. Ademais, agora, os vencidos são enforcados.

Se, em épocas anteriores, era possível remediar, embora com dificuldade, um erro cometido no início de um conflito ou na disposição das forças, na era mecânica é impossível sanar uma concepção errônea na preparação da

guerra. Um equívoco na repartição de forças proporcionará a uma potência marítima — dadas as grandes distâncias a cobrir — desastrosas conseqüências. O tempo perdido em um período de paz nunca mais poderá ser recuperado.

Se o bloco oriental tem a servidão de deslocar suas forças através de um sistema de transportes defeituoso e vulnerável, não é menos certo que não tem perdido um minuto de tempo na preparação de um futuro conflito.

